

## Amor (não) se explica: torcida, topofilia e estádio de futebol

Love (Can't Be) Explained: Fans, Topophilia and Football Stadium

**Phelipe Caldas**

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, Brasil  
Doutorando em Antropologia Social, UFSCar

**RESUMO:** Qual a relação do torcedor com o estádio de futebol de seu clube do coração? E como isso pode interferir no desempenho deste clube em campo? Essas são algumas perguntas que pretendo refletir neste artigo, que parte do Estádio Almeidão, de João Pessoa, casa do Botafogo-PB, para discutir o conceito de topofilia no contexto futebolístico. Proponho-me a analisar como esses ambientes são ressignificados pela coletividade torcedora, que, por exemplo, coloca questões subjetivas como memória e afeto num patamar mais importante do que conforto e modernidade. Vou tentar discutir também, a despeito dos anseios da época, como pode reverberar criticamente o fato de João Pessoa ter ficado de fora da Copa do Mundo de 2014 e assim ter mantido sua praça esportiva com características e feições mais alheias ao processo de arenização que tomou boa parte dos grandes estádios do país. Para tanto, a título de comparação, vou resgatar a experiência traumática do Náutico com a Arena Pernambuco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Topofilia; Estádio; Arena; Torcidas; Antropologia das práticas esportivas.

**ABSTRACT:** What is the football fan's relationship with the stadium that he longs to his club? And how can it interfere with the performance of this club on the field? These are some of the questions I intend to reflect on in this article, which starts at João Pessoa's Almeidão Stadium, home to Botafogo/PB, to discuss the concept of topophilia in the soccer context. I analyze how the seen environments are re-signified by the supporter community, which, for example, places subjective issues such as memory and affection at a level more important than comfort and modernity. I will also try to discuss, in spite of the yearning of the time, how it can critically reverberate the fact that João Pessoa was left out of the 2014 World Cup and thus keep this sports venue with its characteristics and features more alien to the "sandstone process" that took over most of the country's big stadiums. For this purpose, as a comparison, I will rescue the traumatic experience of Náutico Club with the Pernambuco Arena.

**KEYWORDS:** Topophilia; Stadium; Arena; Football Fans; Anthropology of Sports Practices.

## INTRODUÇÃO: CRÔNICA SOBRE UMA NOITE CHUVOSA DE FUTEBOL<sup>1</sup>

Copa do Nordeste de 2018. Noite de bom público no Estádio José Américo de Almeida Filho, a praça esportiva de João Pessoa que os torcedores do Botafogo da Paraíba chamam apenas pelo nome afetivo de Almeidão.<sup>2</sup> O nome é o próprio lugar. O apelido mais do que o nome, na verdade. E isso basta. Conta muito mais do que parece a princípio.

Chovera torrencialmente na cidade ao longo de todo o dia, mas naquele momento pré-jogo já se vislumbrava uma estiagem. Ainda assim, apenas um jogo decisivo contra o Bahia, que valia vaga na fase seguinte da competição regional,<sup>3</sup> para justificar tanta gente no local mesmo com clima tão adverso.

O jogo estava marcado para 21h45, mas duas horas antes de a bola rolar o frenesi já tomava conta dos arredores do estádio. Inúmeras barracas vendendo bebidas e tira-gostos, instaladas na área de estacionamento, estavam apinhadas de torcedores, que se apertavam embaixo de lonas improvisadas para fugirem da chuva que de tempos em tempos ameaçava voltar.

A cena do lado de fora era inexprimível, impressionante, até. Boa parte do estacionamento era de barro, mas, em meio a tanta água, o local se resumia a um gigantesco lamaçal, praticamente intransitável.

Não era fácil andar por ali, e eu mesmo já estava completamente imundo. Tênis e meias molhadas. Barro até a altura dos joelhos, uma areia grudenta que salpicava a cada passada e prendia nos braços e até em partes do rosto. Observava tudo aquilo enquanto caminhava e em pelo menos três momentos deslizei pelo barro escorregadio, evitando a queda apenas porque me apoiei em algum carro ou em algum amigo próximo.

Percorri aproximadamente 50 metros de caminhada vacilante até entrar por um portão estreito, levemente enferrujado. Fui então revistado por policiais debaixo de um vão de escada, cujas infiltrações deixavam o local extremamente

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão ampliada e atualizada de um debate já abordado na parte final do capítulo 1 da dissertação de mestrado (CARVALHO, 2019) e em uma apresentação oral realizada na IV Semana de Antropologia do PPGA/UFPB, que resultou num resumo expandido sobre o tema (CARVALHO, 2018).

<sup>2</sup> É o clube mais popular da capital paraibana, também conhecido pelo apelido Belo.

<sup>3</sup> Refiro-me a jogo realizado em 29 de março de 2018, pela rodada final da fase de grupos do torneio.

úmido. Ao ter meu acesso liberado, andei um pouco em direção à escadaria que me levaria às arquibancadas. Chão de cimento batido, manchado pelo passar de milhares de pessoas que ajudavam a levar parte da lama do lado de fora para o de dentro.

Quando finalmente cheguei às arquibancadas, feita de concreto, sem cadeiras ou qualquer outro tipo de assento a não ser a própria estrutura do estádio, obriguei-me a permanecer em pé, como todos os outros, visto que o local também estava empoçado em demasia.

Assim fiquei por boa parte do jogo, até que, em um momento de cansaço no segundo tempo, cedi. Sentei um pouco tentando relaxar as pernas e imediatamente senti a bermuda absorver parte da água que ainda estava retida no degrau de arquibancada.

Naquele momento, observei um pouco melhor a minha própria situação, imundo que estava. Exausto. Dei uma boa olhada também em minha volta, naquele estádio que eu conhecia tão bem. O alambrado de cerca de um metro, meio enferrujado, com tinta azul já gasta, que servia de limite de arquibancada; o fosso de dois ou três metros de profundidade que separava os torcedores do campo de jogo e que denunciava o fato inegável de aquele ser um estádio antigo, fundado ainda na década de 1970; as colunas semierguidas por detrás dos dois gols, abandonadas ainda na época da construção do equipamento e que nunca foram finalizadas, transformando o que seria no projeto original um único anel em dois vãos de arquibancada independentes, batizadas pelos torcedores e assimiladas pelo poder público com os sugestivos nomes de Sol e Sombra.<sup>4</sup>

E contemplava tudo isso com um sorriso no rosto. Porque enquanto observava, não parava de escutar uma música que era entoada a plenos pulmões por um monte de torcedores fanáticos. E orgulhosos. A música dizia mais ou menos assim: – Esta é a minha alegria de coração! Ver o Belo jogar no Almeidão!

O estádio era antigo. Repleto de problemas. Precário, em muitos aspectos. Mas, sem exagero, era uma espécie de templo sagrado para os botafoguenses. Não

---

<sup>4</sup> Os nomes são autoexplicativos. A Arquibancada Sombra, com ingressos mais caros, é aquela posicionada do lado de onde o sol se põe, de forma que em jogos à tarde a própria estrutura do estádio protege o torcedor. Já a Arquibancada Sol, com ingressos mais baratos, fica do lado oposto, e o torcedor não só assiste à partida debaixo do sol forte do Nordeste brasileiro, como em regra tem sua visão comprometida pela incidência dos raios solares em direção aos olhos.

precisava fazer sentido para todo o resto. Eles eram apaixonados por aquele lugar. Estavam prontos para defendê-lo. Prontos para brigar, reclamar, protestar com quem ousasse falar mal daquilo ali.

### **UM POUCO MAIS DE ALMEIDÃO**

O que eu quero analisar neste artigo, a partir da realidade pessoense (e botafoguense) e dentro de uma perspectiva etnográfica “de perto e de dentro”,<sup>5</sup> é a relação que os torcedores de futebol possuem com o estádio em que o seu clube do coração costuma realizar jogos como mandante. E como essa relação não segue nenhuma lógica aparente, nem considera questões práticas, supostamente racionais, como estética, modernidade e facilidades técnicas.

Muito pelo contrário, essa suposta precariedade é ressignificada pelos torcedores como elementos positivos do que eles consideram um estádio tradicional, que tem história, que já sediou muitos jogos marcantes ao longo das décadas, que já foi palco de títulos, dramas, glórias inesquecíveis e que resiste ao tempo, sobrevivendo firme a uma época de modernizações nem sempre vista com bons olhos.

O Estádio Almeidão, a propósito, foi fundado em 09 de março de 1975, numa tarde de domingo em que o Belo foi derrotado pelo homônimo carioca por 2 a 0. De sua estrutura original, quase nada mudou, e o local passou completamente incólume pelo processo de modernização e arenização que muitas das praças esportivas brasileiras sofreram nos últimos anos.

Bom, logo de início é essencial registrar que todo este processo de construção de arenas esportivas multiusos no território brasileiro, dentro do contexto de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, já foi amplamente debatido por uma série de outros pesquisadores. Uma extensa bibliografia foi produzida nos últimos anos, e, para quem quiser ler mais sobre o assunto, eu sugiro o dossiê “Megaeventos”, publicado em dezembro de 2013 pela revista acadêmica *Horizontes Antropológicos*.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> MAGNANI. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, p. 11.

<sup>6</sup> *Horizontes Antropológicos*, v. 19, n. 40, 2013.

Aqui, contudo, quero me ater mais à antítese de todo esse processo. Estádios como o Almeidão foram preteridos,<sup>7</sup> mas por isso mesmo são resilientes diante da lógica do padrão-Fifa supostamente ideal que de copa em copa tenta se impor “como paradigma mundial de conforto, segurança, previsibilidade, controle e, acima de tudo – embora veladamente –, rentabilidade e elitização”.<sup>8</sup> Estádio Almeidão esse que, após a voga e o frenesi novidadeiro da Copa, passou a ser valorizado por parcelas expressivas de torcedores justamente por causa desse caráter “marginal”. E que, em contraposição às arenas, é hoje chamado de “estádio raiz” por esses mesmos torcedores.

Para tratar dessas questões, pretendo analisar de forma mais aprofundada, um pouco mais a frente, o conceito de “topofilia” a partir das óticas de Tuan e de Bale,<sup>9</sup> que a seus modos vão refletir sobre a relação afetiva que os seres humanos possuem com o meio ambiente material. Antes, contudo, gostaria de dialogar com outros estudiosos, e assim avançar paulatinamente na temática principal do debate ora proposto.

Por exemplo, Agier tem um amplo estudo antropológico sobre o conceito de lugar, algo que para ele pode ser resumido como “um espaço de relações, de memória e de identificação relativamente estabilizadas”.<sup>10</sup> Uma abordagem que só se torna possível porque ele desloca sua reflexão sobre a cidade, deixando de entendê-la apenas como espaço em si, passando a pensá-la “a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos”.<sup>11</sup>

Uma cidade que, ainda de acordo com o autor, é viva, possível de ser sentida, está sempre em processo. Que, muito por isso, só existe como experiência de seus cidadãos. Não é uma coisa, não é algo inanimado, não é uma totalidade. Constrói-se, acima de tudo, nas “situações elementares da vida urbana”.<sup>12</sup>

---

<sup>7</sup> Caso ainda mais notório é o do Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube, preterido meses depois de ter sido confirmado extraoficialmente como estádio paulista para a (estreia da) Copa do Mundo.

<sup>8</sup> MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, p. 143.

<sup>9</sup> TUAN. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. BALE. *Sports Geography: Second Edition*.

<sup>10</sup> AGIER. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*, p. 108.

<sup>11</sup> AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 32.

<sup>12</sup> AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 91.

São justamente essas situações elementares, pois, que permitem aos cidadãos dar novos significados aos espaços da cidade, transformando-os assim em lugares. Agier cita quatro tipos diferentes, mas para efeito de debate sobre estádios de futebol são as “situações rituais” o alvo preferencial de meu interesse.<sup>13</sup>

Para o autor, essas “são marcadas por uma distância do cotidiano regrado”.<sup>14</sup> E, talvez por isso, representam “o local privilegiado de elaboração e de aplicação de estratégias identitárias coletivas, mesmo que a cidade ao redor proponha outras formas de classificação social”.<sup>15</sup>

É no ritual de se ir ao estádio semana após semana, jogo após jogo, portanto, que as identidades torcedoras são retroalimentadas. Que os torcedores se encontram e se distanciam desse cotidiano regrado e se percebem como coletividades, ainda que múltiplas e acima de tudo plurais. É nesse ritual contínuo, insisto, que têm a oportunidade de exercerem essa coletividade em sua amplitude máxima.

É óbvio que o estádio não é o único desses lugares afetivos para o torcedor, mas em regra é aquele de maior potência coletiva. E, no caso dos botafoguenses, o Almeidão desempenha, desde 1975, papel fundamental em todo este processo.

Com 89 anos em 2020, o clube de João Pessoa já tem mais tempo de história atuando no Almeidão do que em sua era pré-Almeidão. De forma que, não tardou, pouco a pouco os torcedores foram percebendo o estádio e as arquibancadas como sendo cada vez mais familiares, cada vez mais fontes de memórias e histórias.

E por mais que o Estádio Almeidão nem mesmo seja do Botafogo-PB, sendo na verdade propriedade pública do Governo da Paraíba, ao menos para os botafoguenses o local é sempre citado como a casa do Belo, onde o clube conquistou a maioria de seus títulos estaduais, e principalmente onde se tornou o primeiro clube paraibano campeão nacional, ao conquistar em 2013 a Série D do Campeonato Brasileiro. Onde viveu também tragédias, como perdas de títulos importantes, ainda assim vividas e sentidas coletivamente.

---

<sup>13</sup> Os outros três tipos são o “ordinário”, o “extraordinário”, e o “de passagem”.

<sup>14</sup> AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 97.

<sup>15</sup> AGIER. *Antropologia da cidade*, p. 99.

Essa relação afetiva com o espaço urbano, a propósito, vai receber atenção de outros pesquisadores. Caiafa, por exemplo, destaca que

a percepção do espaço urbano é densa e complexa na medida em que todos os sentidos parecem mobilizados. Entramos nesse espaço, pisamos, sentimos de alguma forma esse lugar que habitamos e a presença de nosso corpo ali. Há uma força experiencial nessa ocupação que pode evocar outras experiências e criar e modificar afetos.<sup>16</sup>

Ademais, pode-se citar Pais: “O conceito de territorialidade serve para identificar jovens com uma área que interpretam como sua e que, por ser palco de sociabilidades mais achegadas, entendem dever ser defendida de intrusões, violações, contaminações”.<sup>17</sup>

Ou mesmo é possível dialogar com Halbwachs, que vai refletir sobre como “as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva” de determinados grupos sociais.<sup>18</sup> O autor destaca que tais grupos são constantemente marcados pelos lugares que costumam frequentar, de forma que esses passam a ter um sentido próprio: “cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo”.<sup>19</sup> Mais a frente, ele vai fazer referência à “força da tradição local” para justificar esse apego das coletividades aos lugares que o cercam.<sup>20</sup>

Como se pode perceber, essa relação não é nunca exclusivamente racional. E, para exemplificar isso, pode-se fazer uma breve comparação com o Estádio Amigão,<sup>21</sup> de Campina Grande, cidade paraibana localizada a 140 km da capital João Pessoa. Ele foi fundado no mesmo ano de 1975,<sup>22</sup> possui um projeto idêntico ao do Almeidão, mantém as mesmas características, as mesmas precariedades, as mesmas ausências de arquibancadas atrás das metas, o mesmo entorno de barro, etc.

Na verdade, faz parte do anedotário político do Estado a versão (nunca confirmada oficialmente) de que o projeto original dos governantes da época era construir um único estádio com capacidade para 90 mil pessoas na capital

<sup>16</sup> CAIAFA. Comunicação e consumo no metrô do Rio de Janeiro, p. 17.

<sup>17</sup> PAIS. Bandas de garagem e identidades juvenis, p. 35-6.

<sup>18</sup> HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 133.

<sup>19</sup> HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 133.

<sup>20</sup> HALBWACHS. *A memória coletiva*, p. 137.

<sup>21</sup> Nome oficial: Estádio Governador Ernani Sátiro.

<sup>22</sup> Exatamente no dia 08 de março, um dia antes da inauguração do Almeidão.

paraibana, mas que a pressão dos políticos de Campina Grande, sempre muito influentes no cenário estadual, obrigou a divisão das verbas, erguendo assim dois equipamentos idênticos e com capacidade para 45 mil torcedores cada.

Sendo ou não boato a versão da divisão das verbas, fato mesmo, inclusive confirmado pelo engenheiro civil Carlos Pereira, que foi o responsável pelas construções de ambos os estádios, é a informação de que um mesmo projeto foi usado para ambas as obras.<sup>23</sup> De forma que não há dúvidas de que quem entra em um, ao menos teoricamente, deveria ter a mesma noção espacial, a mesma sensação, que tem quando entra no outro. Mas não é isso o que acontece.

Em 05 de abril de 2018, eu realizei uma viagem com torcedores botafoguenses para o primeiro de dois jogos da final do Campeonato Paraibano daquele ano. Na oportunidade, acompanhei a derrota do time de João Pessoa para o Campinense, de Campina Grande, por 1 a 0, numa partida que foi realizada justo no Estádio Amigão.

E, durante toda essa viagem, não importou nem um pouco aos torcedores do Belo se o Amigão e o Almeidão eram idênticos em sua forma, em seu tamanho, em suas características positivas e negativas. Porque apenas um deles era visto como “lugar” para aqueles torcedores. E apenas um deles era classificado pejorativamente como a casa do arquirrival.

Nos discursos, nos cânticos, nos xingamentos, isso ficava evidenciado a todo o instante. As provocações começaram ainda na concentração em João Pessoa, continuaram dentro da van que levou os torcedores à Campina Grande, intensificou-se dentro do estádio nas provocações entre torcidas, chegou ao ápice após a derrota. O Amigão era classificado como o “chiqueiro”, o “salão de festas”, o “lixo”. O Almeidão era identificado como uma praça esportiva “acabada”, “menor” em importância e status, “indigna”, principalmente se comparada à grandiosidade do Almeidão.

Tal como defendido por Toledo, aliás, são xingamentos que expressam “visões do outro” e que “devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de

---

<sup>23</sup> CALDAS; BATISTA; WANDERLEY. 40 anos de Amigão e Almeidão: veja curiosidades que cercaram as obras, 07 mar. 2015.

significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e *pares de oposição* mais recorrentes na própria sociedade”.<sup>24</sup>

Os xingamentos, pois, ajudam a demarcar as alteridades. Entre torcedores, entre estádios também. E, no caso aqui analisado, eles possuíam tons variados. Ora irado, ora absolutamente irônico. Não havia comedimento. Enquanto a bola rolou, tinha sempre algum grupo de torcedor botafoguense (às vezes todos eles ao mesmo tempo) enumerando em direção aos rivais todas as mazelas que existiriam no equipamento de Campina Grande e que obviamente não existiriam no equipamento de João Pessoa. Ao menos na visão sempre apaixonada daqueles que se manifestavam.

De uma perspectiva estritamente arquitetônica, aquela postura não tinha a menor lógica. Mas, como se vê, não é apenas uma lógica aparente que sustenta a relação dos torcedores com os estádios de futebol. Tanto que a mesma postura de defesa a um e de crítica ao outro acontece igualmente quando os torcedores de Campina Grande visitam o Almeidão. Invertendo-se aí apenas os sentidos dados a cada estádio, claro.

## O CONCEITO DE TOPOFILIA APLICADO AO ESPORTE

Para iniciar o debate sobre topofilia, é preciso antes destacar que esse é um neologismo criado e proposto pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que se refere basicamente a “todos os laços afetivos por seres humanos com o meio ambiente material”.<sup>25</sup>

Um sentimento que, para o autor, é forte e ancorado principalmente naquilo que é familiar e histórico. Naquilo que invoca o sentido de pertencer a um dado espaço. Porque, primeiro, Tuan diz que “a familiaridade engendra afeição”.<sup>26</sup> Depois, ressalta que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”.<sup>27</sup>

Ademais, ele explica que os sentimentos topofílicos são essencialmente locais, ao ponderar que “a lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso. Sangue é derramado em sua defesa”.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> TOLEDO. Por que xingam os torcedores de futebol?, p. 23.

<sup>25</sup> TUAN. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, p. 107.

<sup>26</sup> TUAN. *Topofilia*, p. 114.

<sup>27</sup> TUAN. *Topofilia*, p. 114.

<sup>28</sup> TUAN. *Topofilia*, p. 117.

Pois é em meio a todas essas reflexões que se chega ao britânico John Bale, também geógrafo, que se dedicou a pensar o conceito de Tuan no contexto dos esportes coletivos, onde o futebol está inserido. E faz isso tratando o esporte como uma ciência essencialmente espacial, visto que ele é caracterizado e definido por um confinamento que acaba por reunir num mesmo ambiente uma pluralidade de identidades que em regra não se encontrariam.

Bale vai sugerir também que é essa noção de espaço que vai permitir ao esporte invocar sentimentos muito mais amplos do que aqueles previstos a princípio. Afinal, “além da guerra, o esporte é uma das poucas coisas que une as pessoas simplesmente através da pertença”.<sup>29</sup>

Ao adentrar especificamente na questão da topofilia dentro do cenário esportivo, o autor defende que são justamente locais como os estádios de futebol que vão promover “a experiência de uma camaradagem coletiva”;<sup>30</sup> que, por sua vez, vai paulatinamente revolucionar a relação que se tem com um meio ambiente material que apenas a princípio nasce inanimado e sem significados.

Bale completa: “Histórias de jogos e copas vencidas são importantes partes da construção da memória geográfica. Tal afeição pelo lugar tem sido chamado de topofilia. [...] Praças esportivas fornecem uma potente fonte de afeto”.<sup>31</sup>

Voltando aos torcedores do Botafogo da Paraíba e ao quadragenário estádio que os acolhem semana após semana ao longo de tantos anos, e dialogando com tudo o que já foi posto aqui, torna-se perceptível que o botafoguense não existe simplesmente em si, como algo isolado e fora de contexto. Nem se limita a torcer exclusivamente pelo clube, de forma seca e artificial, excluindo aí tudo o que lhe cerca.

Dito de outra forma, e resgatando uma antiga máxima da crônica esportiva de que não existe estádio sem torcida, o que quero propor aqui é que o inverso também é verdadeiro. Simplesmente não dá para pensar em torcidas de futebol sem que haja um ambiente comum, de convergências, que os una em torno de afetos e dramas a serem compartilhados.

---

<sup>29</sup> BALE. *Sports Geography: Second Edition*, p. 13-4. (As traduções dessa obra são nossas).

<sup>30</sup> BALE. *Sports Geography*, p. 18.

<sup>31</sup> BALE. *Sports Geography*, p. 18-9.

O Almeidão não é uma edificação qualquer. Não é um simples conjunto de arquibancadas. Não é um campo de futebol como outros que existem Brasil afora. Não é uma área externa precária e lamacenta. Até pode ser tudo isso, mas, por mais contraditório que possa parecer, não será nunca apenas isso para os botafoguenses.

E já que o diálogo neste momento está se dando principalmente com geógrafos, retomo Mascarenhas, referência nos estudos sobre estádios de futebol no Brasil, que vai classificar essas praças esportivas mais antigas, anteriores às arenas, como “espaço vivido e lugar de referência”.<sup>32</sup> Na mesma linha do que estou propondo aqui, o autor defende que “os estádios são memória acumulada, vivida coletivamente. [...] Meca de cânticos profanos”.<sup>33</sup>

Para os botafoguenses, portanto, o Almeidão é lugar de encontros, de matar saudades, de se sentir pertencente, de cantar seu nome a plenos pulmões e de elevar à potência máxima as identidades torcedoras. Não é o Almeidão dos problemas. É o Almeidão dos títulos, dos dramas compartilhados, dos encantos. É o Almeidão que precisa ser defendido, protegido, salvaguardado.

Em nome do qual vale a pena brigar. E alardear com veemência: – Estamos em casa, porra! Não foram poucas as vezes que escutei essa frase ao longo de tantos meses de pesquisa. Principalmente porque essa é uma frase de múltiplos contextos, mas sempre aplicada para dizer o óbvio. Não se está em qualquer lugar, se está no Almeidão, oras. E isso não é pouco.

Por exemplo, o “estamos em casa, porra!” pode ser proferido num momento de ira, de revés, para avisar ao seu próprio time que, afinal de contas, honre a camisa que veste; pode ser dito em júbilo, êxtase, após uma vitória importante, para avisar ao rival quem manda ali; pode ser expressa, inclusive, antes mesmo do jogo, para seus pares, em tom de esperança por um resultado positivo.

É grito de guerra, mas é convocação também. É recado, ameaça, sentença. O estádio de futebol elevado a um novo patamar. Que deve ser amado e respeitado por um “nós”, deve ser temido por todos os demais, todos os “outros” indistintamente.

---

<sup>32</sup> MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, p. 155.

<sup>33</sup> MASCARENHAS. Um jogo decisivo, p. 165.

Estou falando de botafoguenses e de sua relação com o Almeidão, é fato. Mas poderia estar falando de qualquer outro exemplo possível e imaginável. Essa relação, afinal, é inumerável no futebol. Giulianotti;<sup>34</sup> por exemplo, fala em seu livro sobre os torcedores do Milan, na Itália, e de sua relação de afeto com o Estádio San Siro. Mas outros tantos exemplos em vários estados brasileiros poderiam ser citados: a relação do São Paulo com o Morumbi, do Internacional de Porto Alegre com o Beira-Rio, do Santa Cruz do Recife com o Arruda, etc. Para Toledo, em alguns contextos pode-se dizer até que “o estádio ganha *status* de pessoa ao mesmo tempo em que aparece como espécie de corpo que melhor abrigará o sentimento torcedor”.<sup>35</sup>

Mas volto ao Almeidão para citar e analisar outro ponto das observações de Bale. Pois o autor britânico defende que essa cumplicidade do torcedor com o estádio de futebol de seu clube do coração é tão intensa, que chega a ter o poder de influenciar no desempenho esportivo.

Não é que um time jogue melhor em casa porque seus jogadores têm mais familiaridade com as variações do estádio e do campo de jogo. Ou porque o rival, muitas vezes vindo de longe, está fisicamente mais cansado. Na verdade, o autor até admite que isso tudo possa acontecer de fato. Mas ele está realmente interessado no que chama de “efeito social da torcida da casa, constantemente lembrando a eles (os jogadores) que o time está representando um lugar em particular”.<sup>36</sup>

Ele sugere, portanto, que o envolvimento da multidão, de todos aqueles aficionados reunidos num mesmo estádio de futebol, embalados por uma carga de emoções e de afetividades, tem o poder mesmo de influenciar resultados esportivos, “uma vez que vai gerar uma identificação e um orgulho mais intenso” dos jogadores em campo com o clube e com a cidade desse.<sup>37</sup> Defendendo, inclusive, que isso afeta também a torcida, já que “eventos esportivos proporcionam um fórum para a comunidade local celebrar a sua existência”.<sup>38</sup>

<sup>34</sup> GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*, p. 97.

<sup>35</sup> TOLEDO. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora, p. 156.

<sup>36</sup> BALE. *Sports Geography*, p. 31-2.

<sup>37</sup> BALE. *Sports Geography*, p. 32.

<sup>38</sup> BALE. *Sports Geography*, p. 32.

É uma dupla relação, portanto, que se nasce a partir do estádio. É apenas por causa dos jogos do Botafogo-PB em casa que se torna possível realizar uma congregação de torcidas em torno do Almeidão, e que vai gerar uma celebração da comunidade local pela própria consciência de existência – e de força – de si como torcida; e, por outro lado, é essa mesma congregação de torcidas que vai gerar o clima de euforia, de pertencimento, de orgulho, que vai interferir no desempenho do time esportivo dentro de campo.

Por sinal, dois dados de pesquisa vão atestar que essa tese de Bale sobre a interferência da torcida no desempenho desportivo tem fundamento. Naquele mesmo jogo entre Botafogo-PB e Bahia cuja crônica inicia este artigo, conversei demoradamente com o então diretor jurídico do clube pessoense, Alexandre Cavalcanti, que em 2020 viria a ser eleito presidente do clube.

Encontramo-nos por acaso algumas horas antes do jogo, ele me cumprimentou e se mostrou interessado no que eu andava analisando. Respondi algumas de suas dúvidas, teci alguns comentários e registrei que naquele momento estava particularmente interessado em entender a relação do torcedor botafoguense com o Estádio Almeidão.

Já naquele momento, comentei que os eventuais problemas do estádio não tinham o poder de arrefecer a devoção que o botafoguense possuía com a praça esportiva, e em seguida fiz um brevíssimo resumo das reflexões de Bale.

Alexandre escutou tudo atentamente. Depois, silenciou por um breve instante, como quem refletisse sobre tudo aquilo. Quando quebrou o silêncio, foi para fazer um testemunho em prol daquilo que eu estava comentando:

Eu acompanho muito os bastidores dos jogos, frequento os vestiários. E muitas vezes eu acompanho aquela última reunião, aquela última conversa dos jogadores antes de subir para o campo. E essa energia da torcida influencia mesmo. Por exemplo, quando o jogo do Botafogo-PB é fora de João Pessoa, o discurso dos jogadores naquela última juntada antes do jogo começar passa muito sobre jogar pela família, pelas carreiras de cada um, pela diretoria que está pagando em dia. Mas, quando o jogo é dentro de casa, não tem nada disso. Quando o jogo é no Almeidão, eles só falam da torcida. Falam mais em raça, em amor ao clube, em jogar pelo torcedor que está gritando, fazendo barulho, empurrando o time, e que ama tudo aquilo. Falam mais em se entregar, em honrar o torcedor que muitas vezes sai de casa apenas com o

dinheiro do ingresso para vê-los jogar. A coisa muda totalmente (Caderno de Campo, 30 de março de 2018).

Existe sim, como se vê, uma contaminação do jogador botafoguense pelo que vem da arquibancada. Uma energia que emana dos gritos e dos cânticos das torcidas e que chega ao campo e ao jogador. Esse, lembrado a todo o momento que joga por algo maior, mais forte, mais contagiante. Joga, não só por uma torcida, mas também por toda uma cidade que se faz representada no estádio de futebol.<sup>39</sup>

Contaminação essa que, ao menos no caso pesquisado, reflete também nos números. E esse dado, ao que parece, é até mais objetivo. Porque entre 2013 e 2019, período que consiste na retomada do Botafogo-PB como participante recorrente de competições nacionais,<sup>40</sup> o clube pessoense realizou 128 partidas pelo Campeonato Brasileiro (sempre mantendo uma proporção exatamente igual no número de vezes que jogou dentro e fora de casa). São 49 vitórias, 39 empates e 40 derrotas nesse período.

Os dados confirmam a tese de Bale. Nesse período, foram 35 vitórias do Botafogo-PB dentro do Almeidão, contra apenas 14 vitórias conquistadas fora de seu estádio. Já com relação a derrotas, os números se invertem. São apenas 13 reveses dentro do Almeidão, contra 27 quando o clube jogou longe de seus domínios.

Aliás, até mesmo a análise dos 298 gols que saíram ao longo dessas 128 partidas ajuda a comprovar a teoria discutida aqui. Jogando no estádio onde comumente manda seus jogos, e onde é empurrado e contagiado por seus torcedores, o time pessoense marcou 98 gols e sofreu 57. Fora de casa, contudo, são 61 gols marcados e 82 sofridos.

Uma superioridade em prol do Estádio Almeidão, portanto, que apenas reforça a dedicação passional dos botafoguenses com o seu estádio. E que cria a certeza coletiva de que aquele é um espaço que possui um quê de sagrado, de mágico, de divino.

---

<sup>39</sup> Importante ponderar que essa questão específica de “jogar por toda uma cidade” é mais forte em locais como João Pessoa, que só possui um clube forte e competitivo atuando em competições nacionais.

<sup>40</sup> O clube foi campeão da Série D do Brasileirão de 2013 e de 2014 a 2019 já jogou seis edições consecutivas de Série C.

Saindo um pouco da reflexão específica sobre estádio, mas apenas para ressaltar o caráter espacial de um esporte coletivo como o futebol, pode-se apontar também o debate que Bale faz sobre o que ele chama de “marcadores territoriais” promovidos pelas torcidas. Pichações e grafismos espalhados pela cidade com o objetivo de demonstrar para os “de fora” quem detém o poder de territórios específicos.

Um tema, aliás, que é citado também por Toledo, ao se referir ao contexto paulistano das torcidas de futebol. Segundo ele, os nomes das torcidas organizadas dos quatro principais clubes do Estado são comumente vistos pela cidade, no que representam “verdadeiros grafismos que expressam e demarcam alteridades e identidades entre torcedores”.<sup>41</sup>

Uma questão, por fim, que não aprofundarei aqui por fugir um pouco do assunto principal deste artigo, mas que ajuda a entender, como já dito, a noção de espacialidade destes agrupamentos torcedores, e como a ideia de “casa” pode ser pouco a pouco, a depender do contexto, ampliada do estádio para o bairro, para a cidade, para o estado, a região. Tudo a depender de que alteridade está posta e pensada.

Mas, agora, gostaria de pensar o Almeidão dentro de um país que sediou recentemente uma Copa do Mundo de Futebol e que deu início a um processo de arenização de suas praças esportivas. E sobre o quanto foi importante para o futebol marginal que existe em João Pessoa ficar alheio a esse processo.

#### **ARENA X ESTÁDIO: E COMO O CASO NÁUTICO AJUDA A ENTENDER A QUESTÃO**

Antes mesmo de a Copa do Mundo de 2014 ser oficialmente confirmada para acontecer no Brasil, já havia um alvoroço sobre que cidades seriam sedes de jogos da competição internacional. E João Pessoa foi uma das 22 candidatas que chegaram a enviar à Confederação Brasileira de Futebol um projeto com esse intuito.<sup>42</sup> No fim, 12 foram escolhidas.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*, p. 44.

<sup>42</sup> JORNAL EXTRA. CBF recebe as propostas das cidades interessadas em receber jogos da Copa 2014, 1º jan. 2007.

A candidatura pessoense, portanto, não vingou. Reportagem do jornal Folha de S. Paulo de dezembro de 2008 informava em dado momento que cidades como João Pessoa e Teresina não chegaram a concluir os estudos técnicos para se tornarem possíveis cidades-sedes porque perceberam a inviabilidade do projeto, visto que precisariam “de inúmeras obras de infraestrutura, além da construção de estádios novos”.<sup>44</sup>

No caso da capital paraibana, o objetivo seria fazer com o Estádio Almeidão o que acabou acontecendo em Natal, por exemplo, capital do Rio Grande do Norte (localizada a 180 km de João Pessoa), em que o antigo Estádio Machado foi demolido para dar lugar à Arena das Dunas, erguida no mesmo terreno.<sup>45</sup>

O caso de Natal, a propósito, ajuda a entender como as arenas vêm alterando radicalmente a relação do torcedor local com o futebol. Preço médio de ingressos mais altos, exclusão do estádio da parcela mais pobre das torcidas, mudanças radicais nas formas de torcer.

Existe, inclusive, como já dito, uma ampla gama de estudos que trata da questão e que balizam o que estou afirmando aqui. Para Holanda e Medeiros, “as arenas foram concebidas a partir das exigências standardizadoras da Fifa”<sup>46</sup> e trouxeram problemas futuros porque o público que as frequentam cotidianamente são diferentes daquele pensado para o período de Copa.

Os autores constatarem também, ao observarem principalmente o contexto paulistano, onde foram erguidas a Arena Corinthians e a Arena Palmeiras,<sup>47</sup> que houve “um projeto excludente, alijador das classes populares, cuja relação com os esportes de alto rendimento no país deixa de ser mediada pelas arquibancadas festivas e por seu tradicional caráter interclassista e multirracial”.<sup>48</sup>

Opinião parecida tem Curi, que vai chamar a atenção para uma uniformização dos interiores dessas arenas, todas muito iguais do ponto de vista

---

<sup>43</sup> São elas: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

<sup>44</sup> FOLHA DE S. PAULO. Copa-2014 terá 12 sedes de Norte a Sul do país, 27 dez. 2008.

<sup>45</sup> Nome oficial: Estádio João Machado, construído em 1972 e demolido em 2011.

<sup>46</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo, p. 2.

<sup>47</sup> Ambas foram construídas na mesma época, mas apenas a corintiana foi usada na Copa do Mundo.

<sup>48</sup> HOLLANDA; MEDEIROS. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”, p. 5.

arquitetônico, devido ao fato de elas respeitarem os mesmos “valores standardizados internacionalmente”<sup>49</sup> pelas federações organizadoras dos grandes eventos esportivos mundiais.

O debate proposto por Curi, por sinal, realizado em 2012 e tendo como objeto de análise o Engenhão,<sup>50</sup> teve ares premonitórios. Já naquela época, fazendo uso da mesma ideia de topofilia que resgato neste artigo, ele dizia que a nova arena nunca tinha se transformado em um lugar topofílico porque carecia de “laços locais”. E alertava para os riscos do Maracanã ser vítima de um “topocídio” caso as reformas para a Copa de 2014 não fossem feitas com o devido respeito a esse localismo.<sup>51</sup>

Pois, lançado quatro anos depois, em 2016, o documentário *Geraldinos* conta todo o processo de demolição da Geral do Maracanã e mostra como os antigos torcedores foram banidos, contentando-se a assistir aos jogos a partir de então pela TV ou pelo rádio.

Em matéria mais recente, a pretexto das comemorações dos 70 anos do estádio, que aconteceu em 16 de junho de 2020, o jornal O Globo publicou entrevista com o escritor e historiador Luiz Antonio Simas, em que ele fala que o Maracanã foi construído e inaugurado em 1950 “num momento que tinha esse projeto de Brasil, que se pretendia grande e inclusivo”, para logo em seguida dizer que “esse Maracanã entrou em colapso. Essa ideia de estádio inclusivo [...] foi sepultada”.<sup>52</sup>

Sobre o assunto, pode-se registrar ainda análise de Ferreira, que lembra o fato dessas arenas grandiosas serem erguidas sob o pretexto de um pretenso “legado” que acaba não se concretizando, visto que

os equipamentos construídos para os megaeventos têm uma capacidade muito baixa de integração após a conclusão dos eventos. Linhas de transporte mostram-se superdimensionadas após o evento, e elefantes brancos surgem no meio do nada, exigindo enormes custos de manutenção.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> CURI. Espaços da emoção: os torcedores no estádio, p. 8.

<sup>50</sup> Arena construída para o Pan do Rio de 2007, batizada originalmente de João Havelange e que anos depois acabou rebatizada para Estádio Nilton Santos. À época, era conhecida por Engenhão, em referência ao bairro carioca de Engenho Novo, onde está localizada.

<sup>51</sup> CURI. Espaços da emoção, p. 15.

<sup>52</sup> DAMASCENO. Maracanã 70 anos: ‘a ideia do estádio inclusivo foi sepultada’, afirma Luiz Antônio Simas, 10 jun. 2020.

<sup>53</sup> FERREIRA. Um teatro milionário, p. 12.

Uma dicotomia entre construção e integração que, ainda de acordo com o autor, torna-se incrivelmente mais dramático em países subdesenvolvidos como o Brasil, uma vez que a população pobre não só é expulsa das arenas, enquanto torcedora, mas sofre igualmente um “*apartheid* urbano” por meio de remoções sumárias ou decorrentes de valorizações imobiliárias.

Para além de tudo isso, Lopes e Hollanda vão atentar ainda para “a mudança radical da experiência de torcer”,<sup>54</sup> que vai culminar num “processo de hipermercantilização do futebol”.<sup>55</sup> Ambientes monitorados, lugares marcados, obrigações de se ficar sentado, regras cada vez mais rígidas no estar e no agir, que pensarão os frequentadores cada vez mais como consumidores, passivos; do que como torcedores, ativos, peças importantes nos processos decisórios do futebol.

Em resumo, o que vem acontecendo nas grandes arenas é um processo de “gentrificação”, tal qual pensado por Leite.<sup>56</sup> O autor debate a questão a partir de intervenções em espaços urbanos das grandes cidades, como, por exemplo, o centro histórico do Recife, que passa por alardeados processos de “revitalização” por parte das autoridades públicas e que culmina na expulsão e na exclusão da população pobre dessas áreas. Vista como “indesejada” por tais autoridades, são postas à margem, com suas circulações e seus usos transferidos para os subúrbios e periferias, longe dos olhos dos demais. É, portanto, muito do que vem acontecendo com o futebol brasileiro das grandes arenas, sendo que os “indesejados” desta vez são principalmente os pobres e os torcedores organizados que são pouco a pouco “convidados” a se retirarem das arquibancadas.

Santos, no entanto, deixa claro que esse tipo de ação, que visa a todo o momento promover o que ele chama de uma nova cultura de torcer, não está livre de reações e resistências. Primeiro, ele registra que “torcedores, em especial aqueles inseridos numa dinâmica de maior identidade e afetividade com relação ao clube, podem renegar o discurso de ‘futebol é um negócio’ e combater medidas que

---

<sup>54</sup> LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo, p. 207.

<sup>55</sup> LOPES; HOLLANDA. “Ódio eterno ao futebol moderno”, p. 229.

<sup>56</sup> LEITE. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown, p. 116.

[...] possam causar prejuízos aos seus iguais”.<sup>57</sup> Depois, ele lista movimentos organizados por torcedores brasileiros que têm como pauta “o combate à mercantilização da paixão”.<sup>58</sup>

Pois é justo aqui, ao falar em resistências, que quero introduzir a análise do caso do Náutico e da Arena Pernambuco. E cito o exemplo do Timbu<sup>59</sup> não só por ser emblemático, mas também pela proximidade geográfica, já que João Pessoa e Recife estão divididas por apenas 120 km de distância.

Como eu dizia, o Náutico firmou uma parceria com a construtora Odebrecht e o consórcio que geria a Arena Pernambuco em 17 de outubro de 2011, para que assim passasse a mandar os seus jogos no local a partir de 2013, depois que as obras do novo equipamento fossem concluídas. O contrato seria de 30 anos e neste período o clube receberia um valor mensal fixo do consórcio, que em troca receberia uma porcentagem da arrecadação com ingressos a cada jogo.<sup>60</sup> Alguns meses antes da assinatura oficial, inclusive, o clube já havia colocado o Estádio dos Aflitos<sup>61</sup> e boa parte da sua sede social à venda. Reportagem do Jornal do Commercio dizia que o clube esperava arrecadar algo em torno de R\$ 100 milhões com o negócio.<sup>62</sup> Em novembro daquele mesmo ano, nove construtoras tinham enviado algum tipo de proposta para ficar com a área, localizada em um bairro de classe alta recifense.<sup>63</sup>

Na prática, o Timbu estava abrindo mão de um campo de futebol que fazia parte da história do clube desde 1918, e que se tornaria estádio por volta de 1939,<sup>64</sup> para mandar seus jogos em uma arena maior e mais moderna, que ainda nem estava totalmente pronta, mas que vinha sendo erguida em São Lourenço da Mata, município da Grande Recife localizado a 19 km do centro da capital pernambucana.

<sup>57</sup> SANTOS. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras, p. 3.

<sup>58</sup> SANTOS. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores, p. 11.

<sup>59</sup> Um dos apelidos possíveis para o Náutico, sendo esse em referência a sua mascote.

<sup>60</sup> GLOBOESPORTE.COM. Náutico assina contrato e oficializa ida para a Arena Pernambuco, 17 out. 2011.

<sup>61</sup> Nome oficial: Estádio Eládio de Barros Carvalho, de propriedade do clube alvirrubro e tem capacidade para pouco mais de 22 mil torcedores.

<sup>62</sup> MENEZES. Estádio dos Aflitos à venda, 18 ago. 2011.

<sup>63</sup> GLOBOESPORTE.COM. Náutico recebe propostas para arrendamento dos Aflitos, 08 nov. 2011.

<sup>64</sup> GOMES. De campo até se tornar estádio, Aflitos marca época no futebol de PE, 31 mai. 2013.

A estreia do Náutico na arena aconteceu em 22 de maio de 2013, num amistoso em 1 a 1 com o Sporting de Portugal.<sup>65</sup> O time se mudou de vez para a nova casa depois da Copa das Confederações daquele mesmo ano, que foi realizada entre 15 e 30 de junho. Mas, nada sairia como o planejado a princípio.

Quem explica parte dessa história é o jornalista esportivo recifense Elton de Castro,<sup>66</sup> em entrevista que realizei com ele em 10 de junho de 2020. O jornalista comenta que o acordo financeiro era bom para o Náutico, e que de início a torcida aceitou a mudança, mas não tardou para acontecer “uma série de rupturas emocionais”.

Para começo de conversa, a Arena Pernambuco fica muito mais longe do que o torcedor estava acostumado com os Aflitos. E isso se tornou um problema ainda maior quando as obras de mobilidade urbana não ficaram prontas. O metrô, prometido a princípio para ir até a porta do estádio, só deixava o torcedor a dois quilômetros da arena, e assim mesmo esse só funciona até 22h. Em jogos televisionados com início às 21h45, o torcedor alvirrubro só tinha como usar o metrô na ida. Na volta, tinha que se contentar com linhas de ônibus escassas e extremamente demoradas.

E, se a opção fosse ir de carro, a única saída era deixar o veículo no próprio estacionamento privativo da arena, cujo acesso custava R\$ 20 por jogo. Isso sem contar os ingressos: preço médio de R\$ 20 nos Aflitos, de R\$ 50 na Arena Pernambuco. “O recifense não gosta de ir para a arena. É longe para cacete. O trânsito da volta é muito ruim. E o transporte público uma merda. É moderno, confortável, mas a torcida não gosta de ir”, resume Elton.

Outra questão começou a incomodar o torcedor. A arena não era do clube, e isso levava a algumas situações inusitadas. Em 07 de julho de 2013, logo na estreia do Náutico atuando na arena em jogos oficiais, o clube pernambucano jogaria pela Série A do Brasileirão com a Ponte Preta. Mas, para o mesmo dia, o Botafogo do Rio de Janeiro resolveu mandar o seu jogo contra o Fluminense no mesmo estádio. O consórcio da Arena Pernambuco, então, priorizou o clássico carioca e obrigou o

---

<sup>65</sup> FITIPALDI. Náutico e Sporting empatam no primeiro jogo da Arena Pernambuco, 22 mai. 2013.

<sup>66</sup> Conversei com vários atores, mas neste artigo citarei dois que me autorizaram o uso de seus nomes.

Timbu a antecipar a sua partida para o dia seis.<sup>67</sup> A medida revoltou os torcedores locais. “O que é casa de todos no fim não é de ninguém”, finaliza o jornalista.

Torcedor fanático do Náutico desde os quatro anos de idade, Daniel Santana, de 34 anos, corrobora com o que Elton de Castro diz, agora sob a ótica de um apaixonado. Ele comenta que frequentar a Arena Pernambuco como casa do Timbu foi sempre “uma experiência muito melancólica” e explica que não tardou para existir “uma animosidade da torcida com o local”.

O papo com ele também aconteceu em 10 de junho de 2020. E o depoimento que ele dá corrobora com muito do que já foi dito aqui:

A Arena Pernambuco é o melhor estádio que eu já fui na minha vida. Mas o futebol não é só isso. O jogo começa antes de a bola rolar. As pessoas se encontram antes. Mas na Arena Pernambuco isso é muito limitado. Você não tem um bar perto. [...] No entorno dos Aflitos tem uma série de bares. Dentro do próprio clube tem o Bar do Americano. É um espaço de confraternizações que não existe na arena. [...] Os Aflitos é um estádio menor. A noção de espaço vazio não existe lá. [...] Tem a questão emocional também. Todo torcedor do Náutico gosta de estar nos Aflitos. É um estádio apertado, com atmosfera própria, perto da linha de campo. O lugar do torcedor do Náutico é os Aflitos.

A torcida do Náutico, então, ainda de acordo Daniel Santana, não tardou para iniciar um árduo trabalho de convencimento, por meio de protestos e de outros canais de diálogo, para convencer a diretoria do clube a fazer o caminho de volta para o Estádio dos Aflitos, cujo projeto de venda acabou sendo sustado. O clube deveria permanecer na Arena Pernambuco por 30 anos. Ficou pouco mais de cinco, apenas, retornando à antiga casa em 2019. Num processo, aliás, que se iniciou ainda em 2016, quando o clube lançou a campanha “Voltando pra Casa”,<sup>68</sup> com o objetivo de arrecadar dinheiro para a reestruturação dos Aflitos, que estava abandonado desde 2013.

E como mais uma demonstração do que já foi dito aqui sobre o conceito de Bale, que defende que os estádios de futebol e os sentimentos topofílicos que esses geram nos torcedores têm o poder de interferir positivamente no desempenho esportivo dentro de campo, basta dizer que, em 2013, quando o Náutico deixou os Aflitos para passar a mandar os seus jogos na Arena Pernambuco, o clube jogava a

<sup>67</sup> ZIRPOLI. A costura de Fluminense x Botafogo no lugar de Náutico x Ponte na Arena, 27 jun. 2013.

<sup>68</sup> WAGNER. Náutico realiza campanha para volta aos Aflitos, 22 ago. 2016.

Série A do Brasileirão. Em 2019, quando retornou aos Aflitos, já estava na Série C.<sup>69</sup> E logo no ano de retorno à velha casa o clube se sagrou campeão da terceira divisão e retornou ao menos à segunda divisão nacional.

#### **CONCLUSÃO: A VIRTUDE ESTÁ NO MEIO**

Eu sugiro pensar os estádios de futebol como lugares que têm história. Em certo aspecto, até, vida própria. E a relação desses locais com os torcedores vão para além do meramente técnico, racional, estrutural.

Quando os torcedores de um clube como o Botafogo da Paraíba veem os jogadores do time adentrarem no campo de jogo de um estádio como o Almeidão, eles carregam juntos em seu imaginário toda uma carga afetiva, simbólica, histórica, fruto de uma memória acumulada e que transcende qualquer análise lógica. Que, como exposto aqui, têm repercussão dentro de campo.

Em 2007 e 2008, no período que separou a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e a definição das cidades-sedes que receberiam jogos oficiais, praticamente todo mundo quis tirar algum proveito disso. Diante da possibilidade de investimentos públicos milionários, passando pela visibilidade turística que o megaevento poderia proporcionar, dezenas de cidades oficializaram o desejo de receber a competição. E, ainda que a candidatura pessoense não tenha chegado nem perto de prosperar, ela existiu.

Mais de dez anos depois, no entanto, o que quero sugerir é que foi um excelente negócio para um futebol marginal – e pobre – como o paraibano ficar de fora da Copa. O América de Natal, por exemplo, que mandava os seus jogos no Machadão, praticamente sumiu do cenário futebolístico nacional depois da demolição do antigo estádio para a construção da Arena das Dunas. E o caso amplamente exposto aqui da relação entre Náutico e Arena Pernambuco, mesmo num futebol mais rico e bem estruturado como o pernambucano, é outra evidência sobre a complexidade da questão.

---

<sup>69</sup> O Náutico foi rebaixado para a Série B ainda em 2013 e para a Série C em 2017.

Aliás, pode-se dizer que nem mesmo João Pessoa passou incólume pela Copa do Mundo. Depois de ser preterida como cidade-sede, tentou, sob o argumento de estar localizada entre Recife e Natal, ser sub-sede da competição, candidatando-se como possível local de treinamento para alguma das 32 seleções que participariam do Mundial.

Naquela época, a Prefeitura Municipal de João Pessoa estava construindo ao preço de R\$ 5,2 milhões a Vila Olímpica do Valentina, um complexo esportivo que incluiria uma pista de atletismo de padrões internacionais para formar novos atletas na cidade.<sup>70</sup> Mas, sob o pretexto de adequar o espaço para as exigências da Fifa, o projeto da Vila Olímpica foi sustado em 2013,<sup>71</sup> quando já estava 70% concluído. Em seu lugar, foi proposto o Centro de Treinamento do Valentina, onde até hoje é possível ver as marcações do que seriam a pista de corrida, as pistas de saltos e os bancos de areia. Todos aterrados e sem usos.<sup>72</sup>

No fim das contas, nenhuma seleção escolheu a capital paraibana como centro de treinamento. A cidade ficou sem uma Vila Olímpica municipal, sem Copa, e com um estadiozinho minúsculo, um microelefante branco com capacidade para apenas 1.200 torcedores, que hoje em dia é subutilizado, mesmo sendo destinado para jogos amadores ou entre clubes de menor expressão do futebol local.<sup>73</sup>

Mas, ao menos, o Almeidão foi preservado. E como dado adicional para ressaltar a importância dessa preservação, basta dizer que arenas construídas em cidades como Manaus e Cuiabá passam por dificuldades anos depois da competição mundial ter sido encerrada e precisam se reinventar longe do futebol para serem minimamente rentáveis. A primeira já recebeu shows, bazares,

---

<sup>70</sup> PMJP. Prefeitura constrói Vila Olímpica no Valentina com estrutura para competições internacionais, 25, mai. 2012.

<sup>71</sup> MADRUGA. João Pessoa vai ganhar Centro de Treinamento para a Copa de 2014, 16 abr. 2013.

<sup>72</sup> CALDAS. Para não esquecer: como um complexo esportivo virou estádio de segunda linha, 03 mar. 2015.

<sup>73</sup> O local acabou sendo batizado de Estádio Ivan Tomaz, o Tomazão, mas sem muita necessidade de existir porque João Pessoa já possui desde 1944 o Estádio da Graça, igualmente municipal, com capacidade para cinco mil torcedores e que já servia para clubes menores como alternativa ao Almeidão.

festivais e até colação de grau de ensino secundarista.<sup>74</sup> A segunda teve parte de sua estrutura transformada em escola estadual e salas de aula em 2017.<sup>75</sup>

Os altos valores investidos não parecem justificar os usos que são feitos desses espaços atualmente. E, pior, a que custo sensorial. No caso de Manaus, a arena foi construída onde existia o Estádio Vivaldão,<sup>76</sup> que ao longo de 40 anos foi o palco da maior parte da história afetiva dos torcedores de Rio Negro e Nacional, os dois principais clubes do Amazonas.

A propósito, só um detalhe extra: os próprios nomes populares dos estádios de futebol falam muito sobre essa topofilia que tanto se discutiu aqui. Não importa como são batizados esses espaços, eles em regra são ressignificados pelos torcedores, pelo povo, pela coletividade. Poucos são os que frequentam estes estádios e sabem quem foi José Américo de Almeida Filho, João Machado, Eládio de Barros Carvalho. Mas todos sabem onde ficam, todos têm histórias para contar, todos lembram algum drama ou alguma glória vividos no Almeidão, no Machadão, nos Aflitos.

Tal como escreveu Eduardo Galeano, afinal, “o estádio do rei Fahd, na Arábia Saudita, tem palco de mármore e ouro e tribunas atapetadas, mas não tem memória nem grande coisa a dizer”.<sup>77</sup>

Como arremate final, penso que João Pessoa não tinha mesmo chances de vencer qualquer disputa para receber jogos da Copa do Mundo de 2014. A cidade está encravada entre o apelo imagético do turismo de Natal ao norte e a grandiosidade de uma metrópole (inclusive futebolística) como Recife ao sul.

Porém, foi ao ser preterida que, paradoxalmente, ajudou a revelar as contradições dos empreendimentos vultosos em torno das novas arenas. Modernas, mas excludentes. Confortáveis, mas sem afetos. Caríssimas, mas sem usos que as justifiquem economicamente. Ao menos em alguns casos, quem ficou onde estava, parece, se deu melhor em todo o processo.

Se certa fragilidade política e econômica alijou João Pessoa do dito processo de modernização do futebol, suas formas de torcer acabaram ganhando potência

<sup>74</sup> LEONEL. Arena da Amazônia completa 4 anos entre sonhos e dura realidade do futebol local, 09 mar. 2018.

<sup>75</sup> GLOBOESPORTE.COM. Camarotes da Arena Pantanal se transformam em salas de aula; vídeo, 12 abr. 2017.

<sup>76</sup> Nome oficial: Estádio Vivaldo Lima, inaugurado em 1970 e demolido em 2010.

<sup>77</sup> GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 26.

sociológica justamente porque se mantiveram criticamente mais afastadas do padrão-Fifa, que impulsionou os exageros do consumismo esportivo hoje tão presentes estádios afora.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BALE, Jhon. **Sports Geography**: Second Edition. London and New York: Routledge, 2003.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença na cidade. **Lugar Comum**, n. 18, p. 91-102, 2003.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O belo e suas torcidas**: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 2019.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. A casa de todo botafoguense: sentimentos topofílicos que unem a torcida do Belo em torno de um mesmo Almeidão. In: Semana de Antropologia do PPGA/UFPB, 4, 2018. **Anais Eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/d6lDd>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CURI, Martin. Espaços da emoção: os torcedores no estádio. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia-SP. **Anais Eletrônicos...** Águas de Lindóia: ANPOCS, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/3W1x3>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Um teatro milionário. In: ANDREW, Jennings. **Brasil em jogo**: o que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 7-15.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “país do futebol” a “país dos megaeventos”: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-27, 2019.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

PAIS, José Machado. Bandas de garagem e identidades juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da Silva. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006.

SANTOS, Irlan Simões. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade**, n. 27, p. 1-18, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Caderno de Campo**. São Paulo, n. 3, p. 20-29, 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 40, p. 149-184, 2013.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CALDAS, Phelipe. Para não esquecer: como um complexo esportivo virou estádio de segunda linha. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 03 mar. 2015. Disponível em: <https://bityli.com/kCu8X>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CALDAS, Phelipe; BATISTA, Silas; WANDERLEY, Hévilla. 40 anos de Amigão e Almeidão: veja curiosidades que cercaram as obras. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 07 mar. 2015. Disponível em: <https://bityli.com/X9IKE>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DAMASCENO, Renan. Maracanã 70 anos: ‘A ideia do estádio inclusivo foi sepultada’, afirma Luiz Antônio Simas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/z1EPf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FITIPALDI, Lucas. Náutico e Sporting empatam no primeiro jogo da Arena Pernambuco. **GloboEsporte.com**, Recife, 22 mai. 2013. Disponível em: <https://bityli.com/DyxmE>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FOLHA DE S. PAULO. Copa-2014 terá 12 sedes de Norte a Sul do país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 dez. 2008. Disponível em: <https://bitly.com/9RC0d>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asbeg e Renato Martins. 2016 (73 min.), son., color.

GLOBOESPORTE.COM. Camarotes da Arena Pantanal se transformam em salas de aula; vídeo. **GloboEsporte.com**, Cuiabá, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://bitly.com/4FRC3>. Acesso em: 15 jun. 2020.

GLOBOESPORTE.COM. Náutico assina contrato e oficializa ida para a Arena Pernambuco. **GloboEsporte.com**, Recife, 17 out. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/xad9z>. Acesso em: 14 jun. 2020.

GLOBOESPORTE.COM. Náutico recebe propostas para arrendamento dos Aflitos. **GloboEsporte.com**, Recife, 08 nov. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/omfib>. Acesso em: 14 jun. 2020.

GOMES, Daniel. De campo até se tornar estádio, Aflitos marca época no futebol de PE. **GloboEsporte.com**, Recife, 31 mai. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/rp7Sk>. Acesso em: 15 jun. 2020.

JORNAL EXTRA. CBF recebe as propostas das cidades interessadas em receber jogos da Copa 2014. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 1º jan. 2007. Disponível em: <https://bitly.com/cSohr>. Acesso em: 13 jun. 2020.

LEONEL, Camila. Arena da Amazônia completa 4 anos entre sonhos e dura realidade do futebol local. **A Crítica**, Manaus, 09 mar. 2018. Disponível em: <https://bitly.com/BZvgM>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MADRUGA, Expedito. João Pessoa vai ganhar Centro de Treinamento para a Copa de 2014. **GloboEsporte.com**, João Pessoa, 16 abr. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/oXV9q>. Acesso em: 18 jun. 2020.

MENEZES, Diogo. Estádio dos Aflitos à venda. **Jornal do Commercio**, Recife, 18 ago. 2011. Disponível em: <https://bitly.com/bc7Zw>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PMJP. Prefeitura constrói Vila Olímpica no Valentina com estrutura para competições internacionais. **PMJP**, João Pessoa, 25, maio 2012. Disponível em: <https://bitly.com/7WASz>. Acesso em: 18 jun. 2020.

WAGNER, Thiago. Náutico realiza campanha para volta aos Aflitos. **NE10**, Recife, 22 ago. 2016. Disponível em: <https://bitly.com/vVvY4>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZIRPOLI, Cássio. A costura de Fluminense x Botafogo no lugar de Náutico x Ponte na Arena. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 jun. 2013. Disponível em: <https://bitly.com/K7Sgn>. Acesso em: 15 jun. 2020.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 19 jun. 2020.  
Aprovado em: 10 nov. 2020.